



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
PERNAMBUCO

Campus Belo Jardim

Licenciatura em Música

PIERRE RAMON TENÓRIO DA SILVA

**DI MELO, UM OLHAR SOBRE A EXPANSÃO NA ESFERA DE EXPERIÊNCIA  
ARTÍSTICA: ENTRE RUPTURAS E TRANSIÇÕES**

Belo Jardim

2022

PIERRE RAMON TENTÓRIO DA SILVA

**DI MELO, UM OLHAR SOBRE A EXPANSÃO NA ESFERA DE EXPERIÊNCIA  
ARTÍSTICA: ENTRE RUPTURAS E TRANSIÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em Música do  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de  
Pernambuco, Campus Belo Jardim, como requisito para  
obtenção do título de Licenciado em Música.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tatiana Valério

Belo Jardim

2022

PIERRE RAMON TENÓRIO DA SILVA

**DI MELO, UM OLHAR SOBRE A EXPANSÃO NA ESFERA DE EXPERIÊNCIA  
ARTÍSTICA: ENTRE RUPTURAS E TRANSIÇÕES**

Trabalho aprovado. Belo Jardim, 14/02/2022

---

Tatiana Alves de Melo Valério - Professora Orientadora

---

Robson Rodrigues Ribeiro – Avaliador Interno

---

João Roberto Ratis Tenório da Silva – Avaliador Externo

Belo Jardim

2022

## RESUMO

Este estudo de caso busca entender e analisar três processos de rupturas e transições na trajetória artístico-musical do recifense Di Melo: rompimento com a gravadora após não remuneração devida do disco homônimo lançado em 1975; pseudo-morte e ressurgimento e gravação de um documentário sobre sua vida. Para desenvolver a argumentação deste estudo, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Cultural Semiótica, especificamente os conceitos de trajetória de vida, esferas de experiência e ruptura-e- transição. Para construção de dados, recorreremos à análise de entrevistas para programas de TV, documentário, além de uma entrevista semiestruturada com o artista, através de uma rede social. Os resultados sinalizam que através da análise de três fluxos que podem ocorrer nos processos de transição (Construção de significado, Redimensionamento da identidade e Aquisição de habilidades e conhecimento), foi possível reconhecer um fenômeno sociocultural que ocorreu na trajetória de vida do artista, que nominamos expansão da esfera de experiência, que expandiu de musical para artística, de modo a integrar as diversas expressões de arte que Di Melo foi construindo ao longo de sua trajetória.

**Palavras-chave:** Di Melo; Esfera de experiência; Psicologia Cultural Semiótica; Ruptura e transição; Trajetória de vida.

## ABSTRACT

This case study aims to understand and analyze three processes of ruptures and transitions in the artistic-musical trajectory of Di Melo from Recife: break with the record company after non-payment of the homonymous album released in 1975; pseudo-death and resurgence, and recording of a documentary about his life. In order to develop the argument of this study, we adopted the theoretical-methodological assumptions of Semiotic Cultural Psychology, specifically the concepts of life trajectory, spheres of experience and rupture-and-transition. For data construction, we used the analysis of interviews for TV shows, documentary, in addition to a semi-structured interview with the artist, through a social network. The results indicate that through the analysis of three flows that can occur in the transition processes (Construction of meaning, Redimensioning of identity and Acquisition of skills and knowledge), it was possible to recognize a sociocultural phenomenon that occurred in the trajectory of the artist's life, which we call expansion of the sphere of experience, which expanded from musical to artistic, in order to integrate the various expressions of art that Di Melo was building throughout his career.

**Keywords:** Di Melo; Sphere of experience; Semiotic Cultural Psychology; Rupture and transition; Life trajectory.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>7</b>
<b>Di Melo: um recorte em sua trajetória musical .....</b>	<b>8</b>
<b>Considerações sobre os discos “Di Melo” de 1975 e “Imorrível” de 2016 .....</b>	<b>10</b>
<b>Artistas Marginais .....</b>	<b>12</b>
<b>Psicologia Cultural Semiótica .....</b>	<b>13</b>
<b>Ruptura e Transição .....</b>	<b>14</b>
<b>Di Melo, o Imorrível.....</b>	<b>16</b>
<b>Aspectos Metodológicos .....</b>	<b>18</b>
<b>Resultados e discussões .....</b>	<b>19</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>24</b>
<b>Referências .....</b>	<b>26</b>
<b>Apêndice 1 .....</b>	<b>28</b>
<b>Apêndice 2.....</b>	<b>29</b>
<b>Apêndice 3.....</b>	<b>30</b>

# DI MELO, UM OLHAR SOBRE A EXPANSÃO NA ESFERA DE EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA: ENTRE RUPTURAS E TRANSIÇÕES

Pierre Ramon Tenório da Silva<sup>1</sup>

Tatiana Alves de Melo Valério<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo teve como objeto de pesquisa, analisar parte da trajetória artística do cantor, poeta, artista plástico e compositor recifense Roberto de Melo Santos, que, embora nascido na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco, em 22 de abril de 1949, Bob Di Melo, ou apenas Di Melo, como ficou conhecido artisticamente, mudou-se para São Paulo em 1968, onde produziu músicas e atuou na vida noturna paulistana. Sua inquietante e inusitada trajetória artística, entre 1975 e 2021, tem altos e baixos, incluindo uma pseudo-morte, que lhe rendeu, anos mais tarde, um documentário intitulado Di Melo, o Imorrível. Investigamos como, do ponto de vista psicológico-cultural, Di Melo ressignificou sua *esfera de experiência* (ZITTOUN, 2012) musical.

Como referencial teórico, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2012), que reconhece o ser humano em sua unicidade e em sua capacidade de construir significados. No processo metodológico, recorreremos a materiais publicados sobre o artista, tais como entrevista em programa de TV e documentário, além de entrevistas semiestruturadas com o artista (através das redes sociais, *Instagram* e *WhatsApp*). Esses métodos nos permitiram melhor averiguar a trajetória de vida de Di Melo, com recorte especial nas rupturas e transições vivenciadas no período em que ele pareceu abandonar sua carreira musical e anos depois retornar ao cenário artístico.

Diante dessa narrativa, buscou-se com este trabalho de pesquisa contribuir com a área da Psicologia Cultural Semiótica e dos estudos de trajetória de vida (ZITTOUN, 2012), a partir do esforço em entender como os processos de ruptura e transição na trajetória artística de Di Melo contribuíram para a manutenção da mesma e ressignificaram suas experiências em torno dos fazeres musicais. O trabalho também se fará relevante em pesquisas sobre a musicologia

---

<sup>1</sup> Concluinte da Licenciatura em Música do IFPE Campus Belo Jardim.

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora do IFPE Campus Belo Jardim; orientadora do presente TCC.

histórica da Música Popular Brasileira.

## 2. Di Melo: um recorte em sua trajetória musical

Em 1973, Di Melo passou um tempo em Tóquio, capital do Japão, onde também expôs sua musicalidade em bares e restaurantes. Pouco tempo depois, de volta a São Paulo, conheceu a cantora e compositora Alaíde Costa, no Bar Jogral, que lhe apresentou a Moacir Meneghini Machado, diretor da EMI-Odeon (nome fantasia da Universal Music no Brasil, na época), que ouviu suas músicas e o contratou pela gravadora.

Em 1975, é lançado seu primeiro disco homônimo (ver Apêndice 1), visto como uma pérola da *soul music* brasileira, tanto pela qualidade musical, quanto pela historicidade envolvida acerca do disco. Mesmo com a rigidez da estrutura do mercado na época, que exigia dos artistas uma adequação às conjunturas impostas pelo mesmo, como por exemplo, produzir um estilo musical vendável, Di Melo não permitiu que manipulassem sua música e carreira artística para agradar as grandes massas, como acontece comumente com os artistas da indústria. Contrapondo-se a isso, direcionou o trabalho do disco à sua maneira, numa sonoridade cheia de influências. No entanto, com o toque autêntico do *swing* brasileiro e identitário do poeta, composto por 12 faixas, que vão da levada *Funk/Soul*, passando pelo Samba/Tango, numa mistura de estilos típico da Música Popular Brasileira, o disco de 1975 é considerado por muitos críticos um clássico da MPB. Luiz Calanca, da loja de discos Baratos afins, no documentário Di Melo, O Imorrível, de 2011, diz:

Esse disco teve uma época que tinha aos montes por aí, a gente vendia muito baratinho mesmo porque era fácil de se conseguir, dava cria mesmo. Eu soube que esse disco na Alemanha, na Holanda e na Inglaterra, ele é vendido 500 a 700 euros.

Di Melo fez parceria em discos de outros artistas famosos, como Wando e Jair Rodrigues, que estouraram nas décadas 1970/80, produzidos pela gravadora Odeon e, em entrevista, alega ter recebido exatos onze cruzeiros pelos direitos dessas canções e das demais faixas do disco de 1975, desistindo assim, definitivamente, de trabalhar para ela. Largando o trabalho na noite por não ser bem remunerado, também no documentário Di Melo, O Imorrível, diz:

E depois eu percebi que trabalhar na noite já tinha me dado o que pra mim me cabia e prosseguir naquilo seria meio que burrice, porque você ia trabalhar e acabava se frustrando, enchendo a cara e se tornava um círculo vicioso, né, me sentia meio que vendendo almoço pra pagar a janta. Pra falar de música, eu prefiro que seja uma coisa verdadeira, que valha a pena. Então, passei a vender os quadrinhos, a trabalhar com

as obras de arte, para não ter que me ‘assujeitar’ a ir pra noite tocar por merreca e me trocar por bebida e droga.

Em meados dos anos 1980, ainda em São Paulo, ao sair do Bar Avenida em direção a um sítio, Di Melo sofre um grave acidente de moto, ficando fora de cena por um período de seis meses, fazendo com que todos pensassem que ele tivesse morrido. Decepcionado com o resultado mercadológico do seu trabalho com a música (irrisória remuneração e o não-sucesso massivo do disco), ele dedica-se à pintura de quadros e passa a tocar música italiana numa cantina em São Paulo, além de compor músicas, independentemente de compromissos profissionais. Ele desaparece da cena musical por um período de aproximadamente 20 anos (de 1980 a 2000).

Nas lojas, o disco Di Melo não foi necessariamente um sucesso de vendas, mas, com o passar dos anos, além do público que adquiriu o disco no Brasil, muitos turistas o levaram para suas terras e, dentre eles, *DJs* japoneses, americanos e europeus, que acabaram acrescentando-o às suas coletâneas de música. Através desses *DJs*, algumas faixas de Di Melo tornaram-se verdadeiros hits, como “Kilariô” e “Se o mundo acabasse em mel”, passando a ser reconhecidas pela juventude.

A partir dos anos 90, com a chegada da internet e o desenvolvimento do universo virtual, tornou-se extremamente fácil acessar (quase) quaisquer músicas. Assim, nos anos 2000 explode, aos ouvidos dos brasileiros de diferentes faixas etárias, a música de Di Melo, como se fosse uma semente que, plantada em outra época, brota inesperadamente, permeando principalmente o meio da juventude alternativa.

Em 2011 é lançado o documentário “Di Melo, O Imorrível” dirigido pelos cineastas Alan Oliveira e Rubens Pássaro, com depoimentos de Di Melo, família e artistas, No qual relatam sobre essa trajetória vivencial acerca do disco de 1975. O trabalho de Di Melo volta à cena, sendo não só lembrado, mas aclamado pela crítica, como um disco atemporal, que, com o passar dos anos, acabou por se tornar uma raridade no Brasil, aumentando seu valor físico e cultural.

Com o reconhecimento quase repentino, Di Melo volta à cena musical. Em 2016, lança o disco intitulado “Imorrível” (ver Apêndice 2), e passa a fazer shows pelo Brasil, impulsionando sua carreira. Em 2019, lança o disco “Atemporal” (ver Apêndice 3), produzido pela banda francesa “Cotonete”, deixando o seguinte recado<sup>3</sup> para os fãs nos comentários de

---

<sup>3</sup> Texto original em letras maiúsculas. Optou-se por manter aqui o texto original, sem correções.

sua página oficial do YouTube<sup>4</sup>:

OI PESSOAL; A META É CADA VEZ MAIS TENTAR AGRADÁ-LOS, DE FORMA SUCINTA MEU PÚBLICO SENSÍVEL CONSIDERADO E AMADO. ESSE TRABALHO COM O GRUPO COTONETE É PARA MOSTRAR UM OUTRO LADO DA FACETA. ESPERO QUE GOSTEM DIVULGUEM E DIVIRTAM-SE. TEM MÚSICA DE QUALIDADE PARA TODOS OS GOSTOS, E JOVENS DE TODAS AS IDADES. MEU MUITO OBRIGADO A TODOS. SINTAM-SE ABRAÇADOS, RESPEITADOS; SÃO MUITO QUERIDOS E ILUMINADOS.

## 2.1 Considerações sobre os discos “Di Melo” de 1975 e “Imorrível” de 2016

Embora o foco do nosso trabalho seja a trajetória de vida do artista Di Melo, viu-se a necessidade de atentar a um recorte dos seus dois principais discos lançados, que foram: “Di Melo” em 1975 e “Imorrível” de 2016, lançado mais de 40 anos depois. O disco de 1975, como primeiro da carreira de Di Melo, foi um marco em seu percurso artístico, com impacto significativo na história da música alternativa brasileira, como atesta o músico e cantor Léo Jaime, no Documentário Di Melo, O Imorrível (2011):

A sonoridade daquele disco primeiro que é fantástica, né? É algo sobrenatural, assim, os arranjos, tem um lance de jazz assim muito... gostoso, né, cara? Ele conseguiu traduzir essa mistura da música nordestina, que tem esse *swing black funk*, natural no baião, no xaxado, no frevo, no maracatu.

Kilariô é uma das faixas do disco de 1975 que mais ecoou nas rádios e pistas de dança da época, como ainda reverbera nos dias de hoje pelos ouvidos e cantares do público e artistas que apreciam e interpretam ou a regravam. Vejamos os seguintes versos: “*Kilariô, Raiou o dia eu vi chover em minha horta, ai ai meu Deus do céu quanto eu sofri ao ver a natureza morta*”. A paisagem cantada nos primeiros versos da primeira canção do disco, transmite uma atmosfera de prosperidade e esperança, quando após um tempo de seca e tristeza, acaba por chover em suas terras, sugerindo uma reflexão sobre as conquistas que obtemos no decorrer da vida, as nuances que vivenciamos na linha temporal, metaforizada em versos quase que infantis, quando ele diz: “*Dei a mandioca pra farinha, E o milho pra galinha, E o capim para a vaquinha, E o feijão quem compra gosta*”. Pode-se fazer uma reflexão, através de versos simples, que o clima é de colheita. Embora Di Melo estivesse no Japão quando a compôs, o cenário é bem brasileiro. Di Melo em entrevista ao site da Vice (2014), relata que as músicas “Kilariô”, “Minha Estrela”

---

<sup>4</sup> Link do canal do YouTube citado: <https://bit.ly/3Hnxkun>

e “Se o Mundo Acabasse em Mel”, foram compostas no Japão, já a música “A Vida em Seus Métodos Diz Calma” e outras foram compostas no Brasil.

A música inicialmente se chamaria Clareou, mas acabou por se tornar Kilariô, ressaltando o sotaque nordestino que reflete as raízes pernambucanas do compositor. A sonoridade é dançante, com presenças marcantes das frases entoadas pelos metais e *grooves* de guitarras, contrabaixos e o *swing* da percussão e bateria.

Nas 12 composições do disco de 1975, Di Melo transita por momentos de reflexões sobre o mundo e a vida, também sobre si mesmo e o amor que permeia as vivências. Grandes musicistas da época como Heraldo Monte, Hermeto Pascoal e Cláudio Beltrame fizeram parte desse disco, que foi concebido em profundos oito dias de gravação, regados a uísque e muito trabalho. Além de Kilariô, “A vida em seus métodos diz calma” e “Se o mundo acabasse em mel” também foram faixas que se sobressaíram nas rádios e pistas de dança.

No disco de 2016, intitulado “Imorrível”, Di Melo preserva elementos sonoros do álbum anterior, como a pegada dançante, o uso de metais, a forte influência do *soul/jazz*, transitando por gêneros, como samba e *R&B*. Em entrevista com Lázaro Ramos no programa Espelho (2018), ele comenta sobre a diferença entre os processos de gravação dos dois discos:

Esse disco aqui (Imorrível, 2016) tem 55 pessoas tocando, é..., e foi um barato e já foi num estúdio “ahh” enorme. Esse aqui (Di Melo, 1975) foi feito em 4 canais tão somente, pra você ver a disparidade, a que pedal a coisa toma, né, a proporção.

A letra da canção Imorrível, primeira faixa das também 12 presentes como no primeiro disco, remete ao período em que ele sofreu o acidente de moto e pensaram que ele havia morrido. Lidando de forma interativa com os ouvintes, ele convida o público para sua nova fase: “*Ele voltou, o imorrível, ele provou que nada é impossível, ele inovou durante o tempo inacessível, e o seu show, galera, é mesmo imperdível*”. No decorrer do trabalho, ele conta histórias do tempo em que ficou fora dos holofotes. Na faixa “*Barulho de fafá*”, fala como se apaixonou pela esposa, Dona Jô, e no decorrer do disco continua refletindo sobre aspectos existenciais da vida.

A partir disso podemos afirmar que essa pausa na carreira musical comercial, não o fragilizou enquanto compositor. Di Melo continua produzindo músicas com autenticidade e ousadia. Em 2019, ele lança junto ao grupo francês Cotonete, o disco “Atemporal”, que mostra outro momento na aura das composições de Di Melo, todavia não o enfatizaremos nesse artigo.

### 3. Artistas Marginais

Na literatura, Artes Visuais, Cinema, Música ou em qualquer vertente da arte, sempre existiram os artistas que não necessariamente foram gritantes<sup>5</sup> aos ouvidos e olhos das grandes massas, ou mesmo considerado(a)s gênios inspiradores(a)s para outras gerações, ainda que muitos(as) deles(as) acabem por incorporar esse significado. No entanto, esses artistas não deixam de existir e fazem diferença por subsistirem na história das artes, ou por serem subversivo(a)s demais e fugirem de conjunturas muitas vezes sociopolíticas e midiáticas, impostas para a construção de um padrão que agrada ao mercado. Por não limitarem suas obras a isso, esse(a)s artistas provocadores(a)s são considerado(a)s por muitos como “malditos” ou “marginais”, que é um termo muito usado principalmente na poesia e na música, o que não classifica, de fato, suas obras. Como afirma Zan:

No meio artístico, a ideia de marginal surgiu de dentro do leque da “geração desbunde”<sup>6</sup>, apontando para aspectos de criação pouco usuais frente a uma indústria cultural cada vez mais integrada e racionalizada. O artista marginal – às vezes também tachado de artista maldito – seria aquele cuja arte estaria comprometida com a subversão de uma estética dominante, chegando a ganhar, inclusive, “uma aceção positiva como sinônimo de condição alternativa e crítica à ordem estabelecida”. (ZAN, 2010, p. 165)

Nas décadas de 1960 a 1980, no Brasil, muitos foram os artistas da música que não se adequaram ao mercado, alguns por se manifestarem tão fortemente contra a ditadura no período, que várias de suas obras foram censuradas e perseguidas pelo regime e os seus nomes nunca tiveram grande destaque na mídia de massa. O que gerou a necessidade desses artistas fornecerem suas obras por outras vias, seja vendendo os discos em shows, oferecendo pessoalmente, indo a lojas de discos, por correios, etc. Como exemplos, cito Di Melo, Luiz Tatit, Jorge Mautner e Sérgio Sampaio. Esse último foi parceiro musical e amigo de Raul Seixas no começo da carreira, tendo um breve sucesso com a canção “Eu quero é botar meu bloco na rua”, na época, mas que perdura como um hit de carnaval conhecido e cantado até os dias de

---

<sup>5</sup> Gritantes: Refere-se a holofotes, sucesso midiático.

<sup>6</sup> Geração desbunde: Experiência contracultural brasileira, ao ganhar maior ênfase e conquistar mais adeptos no início dos anos 1970, foi largamente mediada pela ideia do desbunde. Denotativa de “farra”, “curtição” e “despolitização”, a gíria desbunde foi empregada por militantes de esquerda para se referirem, de modo pejorativo, aos que renunciavam se engajar contra a ditadura ou que recuavam em relação à luta armada (DINIZ, 2014, p.2)

hoje. No entanto, com o passar do tempo, Sérgio Sampaio caiu no esquecimento do grande público e morreu sem o reconhecimento merecido, mas, com grande estima no universo dos compositores. De acordo com Prudêncio:

A marginalidade como preservação da identidade é que não cede em Sérgio Sampaio; é um vício de origem no compositor. Mais que isso, é uma tomada de posição, afirmação do seu renitente antimerchantilismo. Em tempo, o modo obstinado a tratar a arte como a arte lhe dá o rótulo de “maldito”, não tanto pelo talento reconhecido, mas sim por rechaçar qualquer interferência, no que entendia correto em relação ao que produzia, o que fez surgir um sem-número de desafetos entre os executivos das gravadoras. (PRUDÊNCIO, 2010, p. 42)

O que é curioso, é o fato de muitos desses artistas, inclusive os citados acima, voltarem a ser ouvidos, por grandes grupos de apreciadores da música alternativa, algo que se dá devido à revolução virtual da internet, que começou por volta dos anos 2000. Com a facilidade de acesso às plataformas musicais, grandes públicos de diversas faixas etárias tiveram e têm ouvido as discografias destes artistas. É comum vermos a interação entre as gerações das pessoas que relembram com nostalgia e as que começam a conhecer esses trabalhos com a mesma empolgação. Infelizmente, alguns deles já falecidos, como é o caso do Sérgio Sampaio, que morreu em maio de 1994, não chegaram a ver isso acontecer. No entanto, essa revolução também proporciona a ascensão de muitos, como Di Melo, que mesmo após esse período de “esquecimento”, prossegue sua carreira fazendo shows e compondo novas obras, aclamadas pelo público e pela crítica.

#### **4. Psicologia Cultural Semiótica**

Para desenvolver a argumentação desse estudo, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2012), que busca entender o ser humano em sua unicidade inter e intracultural, levando em consideração a construção de significados que o mesmo é capaz de criar sobre si e sobre suas experiências vivenciais.

Segundo Valsiner (1998), na organização psicológica de cada pessoa, “a cultura é a ferramenta primária para o viver humano. A personalidade humana é um sistema integrado de mediadores semióticos em vários níveis” (VALSINER, 2012, p. 32). Ainda segundo o mesmo autor, o processo de estar no mundo e a forma como lidamos com o ambiente, isto é, nossa interação com os outros, com a vida em si, faz com que criemos e usemos signos diversos, e isso pode ser nomeado como o processo de construção de significados, fenômeno psicológico e sociocultural:

Seres humanos criaram numerosas ferramentas culturais para construção (fabricando tecnologias e materiais, alimento para uma vida saudável e fértil, medicamentos para prevenir ou curar doenças); destruição (tecnologias militares para tanques e bombas nucleares – e recursos simbólicos para justificar o seu uso); administração de incertezas (mitos e ideologias); e domínios nos quais se delineiam necessidades estéticas e sua satisfação (arte, música, teatro, instrumentos, atores e sistemas de significados ligados à beleza e ao discurso artístico). (VALSINER, 2021, 32)

A semiótica vai abordar os signos que são criados a partir da necessidade de dar significados a tudo que existe. Segundo Azevedo (2017, p.42),

No encontro com o mundo, a nossa psique é constituída pela cultura que nos apresenta a dispositivos mediadores semióticos (ex.: palavras, objetos, sons, movimentos, ideias, sentimentos, eventos) que operam como signos (apud Zittoun, 2006; Salvatore& Zittoun, 2011). Dispositivos semióticos nos possibilitam significar ou construir significado de nossas experiências em um tempo irreversível de maneira pessoal e única.

Os seres humanos, em suas trajetórias de vida, criam e vivem a partir de esferas de experiências (ZITTOUN, 2013). Esse termo, usado na Psicologia Cultural para classificar as zonas de vivência nas quais os seres humanos se engajam em diversos cenários sociais, nos ajuda a recortar, na trajetória de vida de Di Melo, uma zona cujos fenômenos são o foco desse estudo. Nas esferas de experiências, os sujeitos mobilizam “certos conhecimentos, habilidades ou maneiras de fazer; elas ativam certos modos relacionais, papéis sociais e, portanto, aspectos identitários, e eles se engajam em diferentes experiências emocionais, valores e projetos” (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016, p. 09, tradução nossa).

Do ponto de vista teórico-metodológico, o(a) pesquisador(a) pode investigar o processo de movência entre esferas de experiência. Tal processo pode se dar de forma física ou psicológica, como por exemplo, sair do trabalho para casa, da escola para uma festa, ou, de repente, da escrita poética para a acadêmica. As pessoas também podem ampliar a esfera de experiência, Como é o caso de Di Melo, que mesmo sendo inicialmente apenas músico, também passa a exercer outros papéis artísticos, como poeta e artista plástico – como veremos na seção resultados e discussões.

Mas para ocorrer essa mudança, ou seja, uma dinâmica que leva à criação da novidade (novos significados), ocorrem processos de ruptura, transição e ressignificação de uma dada esfera de experiência.

#### **4.1 Ruptura e Transição**

As trajetórias humanas são marcadas por continuidades e descontinuidades. No estudo dos processos de descontinuidade, uma noção antiga pode ser usada para descrever tais

fenômenos: *ruptura* (ZITTOUN, 2012). Essa noção “não é recente nos estudos da psicologia e é considerada um tema relevante para investigação de processos de mudança psicológica ao longo da vida das pessoas” (AZEVEDO, 2021).

Situações inesperadas ocorrem no cotidiano dos seres humanos por vários motivos e em vários aspectos. Circunstâncias, tanto positivas quanto negativas, causam rupturas nas linhas temporais irreversíveis das pessoas. Podemos exemplificar esse fenômeno ocorrendo por *fatores externos*, como a pandemia da COVID-19, perda de emprego, acidentes de percurso ou por *fatores internos*, como por exemplo, decidir abandonar a faculdade ou divorciar-se). Esses momentos, caracterizados pela interrupção de regularidades, geram tensões e ambivalências, pois tiram as pessoas de suas rotinas e daquilo que já é mais ou menos esperado. Por consequência, permitem a vivência de processos de transição que, segundo Zittoun, (2012) e Azevedo (2021), levam o ser humano a um processo de desenvolvimento, a partir da dinâmica de três fluxos (ZITTOUN, 2006; 2012), que podem ocorrer simultaneamente ou não: *construção de significados* (construir novos significados sobre a situação vivida), *aquisição de habilidade e conhecimento* (por vezes, é necessário rever, alterar ou ajustar aquilo que se sabia, para dar conta da nova experiência em busca de uma nova regularidade na trajetória) e *reposicionamento da identidade* (a partir do novo entendimento e de novas habilidades, pode haver um reposicionamento da identidade).

Portanto, toda ruptura leva a um processo de reflexão de como fazer para enfrentar (ou não) tais fatores de “quebra”, que podem interferir nos sistemas psicológicos, biológicos ou sociais, levando o sujeito à ressignificação dessas circunstâncias para que possa (ou não), de fato, transcender e evoluir diante de tais acontecimentos inusitados. Valsiner (2008) afirma que o próprio estado de transformação desses sistemas, os quais encontram-se continuamente em um processo de mudança, regula o seu desenvolvimento.

Transições (ZITTOUN, 2019, p. 410) “podem ser definidas como os processos de mudança catalisada pela ruptura, visando um novo ajuste sustentável entre a pessoa e seu ambiente atual” (tradução nossa). Diante de uma ruptura, o sujeito experimenta instabilidade em sua trajetória e enfrenta processo de ajustamento ou adaptação para chegar a um novo modo de seguir no curso da vida. Por exemplo, quando alguém não consegue engravidar (ruptura no curso da vida) e decide adotar depois de várias tentativas fracassadas de engravidar – processo de transição (VALÉRIO, FERREIRA-NOVAES, 2018). Existem dois tipos de transição, segundo Zittoun (2012). O primeiro tipo é a *transição normativa* – quando a transição já é prevista ou esperada no processo vivencial do ser humano. Por exemplo, quando uma criança

fala ou anda pela primeira vez, ou ainda quando entra na escola. Esses são processos de mudança já esperados na vida da maioria dos indivíduos. O segundo tipo é a *transição não-normativa* – que decorre de processos de ruptura que podem ser motivadas por acontecimentos externos (por exemplo, ser demitido(a) do emprego, perder um ente querido) e/ou diálogos internos (quando a pessoa, refletindo consigo mesma, após um tempo, opta, por exemplo, por separar-se do(a) cônjuge, mudar de profissão etc.).

Em nosso estudo, investigamos três processos de rupturas-e-transições na vida profissional do artista Di Melo, quando após gravar seu primeiro disco, devido a diversos fatores, ele (1) larga a carreira musical comercial, passando a trabalhar para si, através de processos composicionais, pequenos shows e na venda de quadros produzidos por ele. Ele sofre um (2) acidente grave de moto, fica fora do cenário musical por meses e é dado como morto. Por fim, aproximadamente três décadas após a primeira ruptura por nós selecionada, o disco de 1975 passa a reverberar através de DJ's e da internet, fazendo com que produtores tivessem o interesse de (3) gravar um documentário sobre sua vida, fator que contribuiu para que ele retornasse aos grandes palcos.

## 5. Di Melo, o Imorrível

O processo de ruptura na vida musical de Di Melo se deu logo após o lançamento do seu primeiro disco homônimo, em 1975. Ele explica em entrevista a Lázaro Ramos, no programa Espelho, da TV Brasil, exibido em 2018:

Vou lhe contar a real. Olhe, eu tinha música naquele disco que tem “Moça, me espere amanhã” do Wando, tinha “Abra um sorriso novamente” naquele disco do Jair (Rodrigues) já estourado, vendendo que nem banana em feira, o “Kilariô” tocava, saía de uma rádio, tava em outra, tudo que puseram na rua vendeu. Fui receber um trimestre de direito autoral, tinham 11 cruzeiros. E não que você faça o trabalho só com a pretensão de ganhar dinheiro, é fazer o teu trabalho e através dele você conseguir sobreviver, é exatamente a junção que eu falo, a junção do útero (sic) ao agradável, essa é a melhor de todas. Então, eu me senti assim, 'meu', relegado às traças e peguei o bonde, saí fora, dei um quebra-quebra, nem é, fiquei violento quebrei tudo e saí fora. Aí tocava em festinhas, eu e o violão, tocava em bares e aí eu ia sobrevivendo com os quadrinhos.

Pouco tempo depois de “cair fora”, Di Melo sofre um grave acidente de moto, levando-o a desaparecer da cena durante seis meses, fazendo com que todos pensassem que ele tinha morrido. Na mesma entrevista no programa Espelho, com Lázaro Ramos, ele narra a história:

Eu tava voltando de Pinheiros (bairro de São Paulo), o bar chamava-se Avenida, aí o que ocorre: eu saí na noite pra ir prum bar e muito travado, tava indo prum sítio,

quando eu dou por mim, eu tô em cima de uma ponte, dois caminhões vindo na minha direção, eu digo, não é alucinação, no meio eu não passo, bum, no rio, pulei no rio e fiquei 6 meses praticamente paralisado, a coluna fez “uhhmm”, a moto fez “ohhmm”. Eu fui, fui melhorando e reapareci, e tava essa história de que eu morri, porque eu sumi, né? Eu sumi totalmente, saí das paradas, ninguém me via, tomei sumidol...

O fato da gravadora exigir padrões de artistas para seguir uma linhagem comercial, e Di Melo recusar-se a seguir esses padrões, foi algo marcante e definitivo em sua trajetória, já que o mesmo, na entrevista a Lázaro Ramos, afirma ter recusado “ocupar” o lugar do Wilson Simonal:

**Lázaro:** Agora tem uma coisa que em sua trajetória, em todas as pesquisas sobre você, alguém diz assim: No momento em que o Simonal começou a ter problemas, estimularam o Di Melo a ocupar o lugar do Simonal. É fato? Que história é essa?

**Di Melo:** É fato. Vieram e tal eu digo, não, “não preciso, não quero”. Simonal, teve também Martinho da Vila, você tem um grave. Eu digo, não, não, meu caminho é meu, não quero nada de ninguém, eu tenho trabalho, música por música, se você pegar, você vai perceber que é um caminho único. Essa coisa ela flui, do interior para o exterior, daí atinge-se o tal do climatério. (risos) (ENTREVISTA NO PROGRAMA ESPELHO COM LÁZARO RAMOS, 2018)

Entre os anos 2000 e 2010, Di Melo é procurado pelo cineasta Alan Oliveira, que mostra interesse em produzir um documentário sobre a história de dele:

Quando perceberam que eu voltei à cena com esse movimento aqui (aponta para o dvd do documentário), foi assim: tinha um cara em Pernambuco, o Alan Oliveira, que é diretor, ele chegou e disse: “Di Melo, é o seguinte, véio, eu consegui a verba pra fazer um documentário pra você. Eu pedi 250 conto, me deram 85 (mil)”. Eu digo: “Tá bom, se segure”. Me veio de São Paulo Rubens Pássaro, disse: “Olha, Di Melo, seguinte. Eu trabalho com o filho do Washington Olivetto. Fiz o documentário do Miguel de Deus e quero fazer um documentário pra você”. Liguei pra Alan e disse: “Oi, caia pra São Paulo”. Aí ele veio e juntei os dois e saiu isso aqui (DOCUMENTÁRIO DI MELO, O IMORRÍVEL, 2011).

O documentário foi lançado em 2011, dirigido por Alan Oliveira e Rubens Pássaro, e ganhou diversos prêmios, como: Melhor Curta - Júri Popular no Cine MuBE Vitrine, em 2012; Melhor Documentário no Festival Guarnicê de Cinema do Maranhão, em 2012; Melhor Média Metragem no Festival Guarnicê de Cinema do Maranhão, em 2012; Menção Especial do Júri no Cine MuBE Vitrine, em 2012; Prêmio Aquisição Canal Brasil no Cine PE, em 2012; Troféu ABD no Festival Guarnicê de Cinema do Maranhão, em 2012.

O documentário Di Melo, o Imorrível foi um dos motivos que fez com que Di Melo retomasse os diversos palcos, pois ressaltou, além do disco de 1975, também a história de vida do mesmo, que em 2016 lança, por um grande estúdio, o disco quase homônimo ao documentário, intitulado “Di Melo, Imorrível” (2016).

O Alan Oliveira, em Recife, e o Rubens Pássaro, em São Paulo, já estavam com a

ideia de fazer um filme sobre mim. Apresentei um ao outro, e eles começaram o projeto em 2009. Depois de lançado, o documentário ganhou vários prêmios, inclusive no Festival de Gramado, e também passou na televisão. O filme teve bastante visibilidade. Hoje os jovens são o público dos meus shows. Faço muitas apresentações em festivais e em casas noturnas de música alternativa. (SITE NSC TOTAL, 2014)

Em sua trajetória musical, destacam-se os discos Di Melo (1975), Imorrível (2016) e Atemporal (2019), mas Di Melo também participou de parcerias com outros artistas e gravou outros trabalhos independentes.

Esse disco aqui (O Imorrível, 2016, apontando para a capa) tem 55 pessoas tocando, é..., e foi um barato e já foi num estúdio “ahh” enorme. Esse aqui (Di Melo, 1975) foi feito em 4 canais tão somente, pra você ver a disparidade, a que pedal a coisa toma, né, a proporção. *Seleção de samba*, esse aqui, é um disco de samba, meramente samba, e você vai olhar e você vai ouvir e você vai gostar porque tem nexos, tem plexos, não só sexo. Entendeu? *É de engravidar coração*, é o nome... louro, lindo e louro (referindo-se ao cabelo louro da capa do disco) foi pra fazer uma peça teatral “O arame farpado no continente perdido”. *Multicheiro 2*, cantarola: “feito um festival de cheiro e fica maluca, me pede dinheiro, quer sabor de fruta, põe no tal cabelo o brilho de ouro em pó, oh oh”. Todas as letras são trabalhadas, elaboradas, nada deixa a desejar para o que há no mercado, em termo de show, de som, de incrementação, de embalo, de swing. (PROGRAMA ESPELHO COM LÁZARO RAMOS, 2018)

Di Melo afirma ter 11 discos gravados, além de canções finalizadas e outro disco já em fase de preparação para gravação. No entanto, foram lançados oficialmente apenas os discos Di Melo, 1975, Di Melo, Imorrível, 2016, e “Atemporal”, 2019.

Ah, tem 400 músicas, é, elaboradíssimas, num é, já tô preparando mais um disco com muito carinho com muito esmero. A preocupação é sempre fazer da melhor forma e algo diferenciado. Eu acho que através da música você consegue exprimir toda sensibilidade e o que está vazando, tá rolando no momento. Todo mundo acha que só existiu esse disco (referindo-se ao Di Melo, 1975). Ledo engano, temos exatamente 11, 11 cds. (PROGRAMA ESPELHO COM LÁZARO RAMOS, 2018).

## 6. Aspectos Metodológicos

Recorremos à uma metodologia de caráter idiográfico (VALSINER, 2012) cuja perspectiva reconhece a natureza dinâmica, sistêmica e singular dos processos psicológicos (SALVATORE; VALSINER, 2010), concebendo o indivíduo como um ser único e constituído por aspectos socioculturais singulares (RONDEL, 2003). Optamos pelo estudo de caso único (YIN, 2003), que, como método qualitativo, admite a utilização de instrumentos variados para construção dos dados. (OLIVEIRA, 2018).

Utilizamos uma combinação de métodos, recorrendo à *materiais publicados* sobre o artista, tais como entrevista em revistas; entrevista em programa de TV e documentário. Também, realizamos entrevistas semiestruturadas com o artista, através das redes sociais, *Instagram* e *WhatsApp*.

Para análise dos dados, recorreremos à teoria adotada nesse estudo, em especial à abordagem, em construção, proposta por Tania Zittoun (2012), para investigações sobre trajetórias de vida. Assim, noções como ruptura e transição, entre outras, constituíram as categorias de análise desse estudo.

## **7. Resultados e discussões**

Nessa sessão iremos aprofundar três grandes rupturas-e-transições experienciadas por Di Melo em sua trajetória musical. A primeira caracteriza o período em que ele lança seu primeiro disco, em 1975, não obtém o sucesso de vendas e qual ele não foi devidamente remunerado pela gravadora, levando-o a afastar-se do meio musical comercial. A segunda grande ruptura-e-transição foi o acidente de moto que o deixou por seis meses impossibilitado de trabalhar, levando as pessoas a acharem que ele morrerá. E a terceira ruptura foi o fato inusitado do disco de 1975 ter reverberado como um clássico vanguardista, quase trinta anos após seu lançamento, resultando em um documentário sobre sua carreira e na sua volta aos palcos e à carreira musical comercial, gravando oficialmente novos trabalhos e desengavetando outros.

### **7.1 Primeira ruptura-e-transição**

Di Melo, artista independente até então, parece ter experienciado tensões marcantes quando decidiu gravar seu primeiro disco com a gravadora EMI-Odeon, fato decorrente da sua aproximação com a Alaíde Costa que o apresentou Moacir Meneghini Machado, diretor da gravadora. Ele conhecia as regras mercadológicas da época, mas não sucumbiu ao modelo imposto, pois desejava ser fiel às suas ideias quando produziu um disco original em 1975, intitulado com seu nome. Algumas faixas do disco obtiveram atenção do público, e tocaram nas rádios, como “Kilariô” e “A vida em seus métodos diz calma”. No entanto, foi somente através de DJ’s ingleses, no decorrer desses 40 anos, que disseminaram suas músicas em pistas de dança, que Di Melo se tornou conhecido, primeiramente em baladas estrangeiras e depois redescoberto no Brasil. Di Melo não lucrou financeiramente com o disco de 1975 e isso o fez sentir-se frustrado, decidindo por afastar-se das gravadoras, mas não da arte:

O primeiro disco fez sucesso, mas não ganhei dinheiro. Fiquei frustrado em ter tanto trabalho e depois ficar chupando o dedo. Mas nunca deixei de trabalhar com arte.

Vendi quadros pintados por mim, cantei e toquei em uma cantina italiana de São Paulo, fiz turnê com Geraldo Vandré, compus mais de 400 músicas e tenho dois livros de poesias e crônicas só esperando o "Senhor José do Patrocínio"<sup>7</sup> para serem lançados. (SITE NSC TOTAL, 2014)

As rupturas (HVIID; ZITTOUN, 2008; ZITTOUN, 2009; 2012), podem ser esperadas ou não, como já abordamos anteriormente. O fato de o disco de 1975 não ter sido devidamente remunerado pela gravadora caracteriza uma ruptura não esperada, isto é, não-normativa, pois, mesmo ele tendo optado por gravar o disco à sua maneira, sem seguir necessariamente sugestões da gravadora, esperava receber pela venda dos discos. Com a frustração financeira, acabou rompendo contrato com a EMI-Odeon, deflagrando uma quebra, ou ruptura, na sua trajetória musical, como podemos ver nesse relato:

O que eu tava afim, né, eu sentia que eles (a gravadora) não queriam fazer. E o que eles queriam que eu fizesse, eu também batia o pé e dizia, também não tô afim. Meu trabalho era mais gritante<sup>8</sup> do que simplesmente o embalo. (DOCUMENTÁRIO DI MELO, O IMORRÍVEL 2011)

Músicos-compositores, como Di Melo, buscam a possibilidade de gravar seu próprio disco. Di Melo conseguiu alcançar esse objetivo, mas abriu mão de seguir com uma carreira musical comercial quando percebeu que era explorado pela gravadora e até hoje aguarda a justiça decretar o pagamento de seus direitos autorais. O processo de transição de Di Melo, após essa primeira ruptura, nos permite afirmar que ele utilizou conhecimentos prévios de arte visual e poesia para enfrentar um processo de ajustamento em seu curso de vida. Ele continuou na música, mas também passou a dedicar-se a pintura de “quadrinhos”, a cantar na noite, à composição de músicas, inclusive outros artistas gravando suas canções. Observa-se que a esfera de experiência musical de Di Melo, após essa primeira ruptura apontada, sinaliza um reposicionamento da identidade do artista que não se vê apenas como músico e compositor, mas como músico que pinta “quadrinhos” e escreve poesia. Ou seja, a esfera de experiência de Di Melo, a partir de então, é artística, e não apenas musical.

## 7.2 Segunda ruptura-e-transição

Nos anos 80, auge da era da Lambada no Brasil, Di Melo sofre um grave acidente de moto, que faz as pessoas pensarem que ele morreria, porém, foi o descontentamento com a

---

<sup>7</sup> Di Melo relaciona “José do Patrocínio” como ironia, pois estava à espera de fundos para lançar novos trabalhos.

<sup>8</sup> O termo “gritante” se refere que a força do trabalho artístico pessoal era mais forte que as engrenagens midiáticas.

gravadora que colaborou para que o mesmo se afastasse do cenário musical e também da noite Paulistana, sumiço que foi determinante para que o dessem como morto.

Meu filho, esse acidente aconteceu no auge da era da lambada, saindo do Bar Avenida eu ia pro sítio de um amigo (...), quando de repente, estrada estreita, quando olho tem dois caminhões vindo na minha direção e eu pulei no rio, dançou minha coluna e dançou a moto, houve, como eu estava estilo placa de coca cola, em todas, e de repente eu saio do ar e as pessoas ficam sabendo que eu sofri esse desastre de moto, passaram a me dar como morto. E eu já havia perdido a muito tempo atrás o tesão pela coisa a partir do momento em que eu pedi a rescisão do contrato da EMI-odeon, muitas coisas fizeram com que eu perdesse essa vontade, perdesse o gosto pela história, entendeu? Essa história da moto já foi numa segunda jogada. (Fonte própria)

Na esfera de experiência musical de Di Melo, podemos identificar eventos marcantes e sucessivos que participaram dessa fase de sua vida: o disco lançado, o acidente de moto e sua “morte”, que caracterizam rupturas não-normativas. No período da pseudo-morte para o público, Di Melo passou por muitas transformações que ressignificariam a trajetória de vida dele, como o casamento e a paternidade. Essas transições, motivadas principalmente por diálogos internos, levaram Di Melo a construir uma família, fato que seria decisivo para uma vida leve e sem excessos, vivendo da produção dos quadros de arte e sempre compondo canções.

E quando ele me encontrou eu acho que ele achou a peça que precisava, né, pra dar rumo a vida dele: Uma família. Quatro anos depois eu fiquei grávida veio Gabi e aí o Di Melo acabou solidão, num tem mais solidão na vida dele, solidão já era faz muitos anos né. Ele é um pai carinhoso né, num tem paciência, mas já viu uma criança ter paciência com outra? Dá pra entender né! É um jogo de cintura danado né, pra pagar as conta aqui em casa; eu acho que você tem que ter um certo controle, só que o Di Melo, ele não tem controle com nada da vida dele, eu falo pra ele que ele é uma pessoa totalmente descontrolada, sabia? Ele não tem controle com nada, com nada, com nada, com nada. Ele é do jeito que é e pronto, ele é assim, não tem como mudar o Di Melo Se fosse pra mudar ele já teria mudado.” (JÓ, ESPOSA DO DI MELO, DOCUMENTÁRIO DI MELO, O IMORRÍVEL, 2011)

### 7.3 Terceira ruptura-e-transição

Outra grande transição não-normativa, isto é, não esperada, na carreira musical do Di Melo, acontece por volta de 2010, mais de trinta anos depois do afastamento dele da música comercial. Nessa época, devido à exportação e reprodução de faixas do disco nas pistas de dança em outros países, também com a facilidade de acesso às plataformas de música, o público jovem ressurge, repercutindo a essência potencial do disco, visto hoje como um clássico da música brasileira. Outro fator importante foi o lançamento do documentário Di Melo, O Imorrível.

Vimos que o renascimento musical de Di Melo, iniciado em 2009 com a iniciativa dos produtores Alan Oliveira e Rubens Pássaro para fazer o documentário, configura-se como uma transição não-normativa que exigiu um processo de adaptação por parte de Di Melo, no que se refere à construção de significados (VALSINER, 2012; ZITTOUN, 2012) sobre aquela nova etapa da sua vida pessoal e profissional. Para ele, “O bom da vida é quando você faz o seu trabalho, acredita nele e ele lhe proporciona você se sustentar dele. Hoje, vivemos razoavelmente bem” (Di Melo em Entrevista ao site da Uol, 21/08/2021).

Após análise das rupturas selecionadas para esse estudo, é possível perceber que houve aquisição de habilidade e conhecimento (ZITTOUN, 2012), principalmente no que se refere à forma como o novo disco foi gravado, a mudança em sua rotina familiar, pois ele agora era requisitado para entrevistas para sites, blogs, rádios, programas de TV etc. Isso leva Di Melo a um reposicionamento da identidade, a partir do novo entendimento que tem sobre si e de novas habilidades adquiridas. Em recente entrevista ao site da Uol, Jô Abade, esposa de Di Melo e sua produtora, fala sobre como eles se sentem com relação a carreira do músico:

Di Melo está bombando, [mas] não no sentido de muita gente estar procurando pra fazer alguma coisa (...) A gente está no auge do sucesso, porque pra mim sucesso é você estar bem, ter liberdade, não estar passando fome, ter uma casa, ter um carrinho pra andar... Se eu quisesse tinha um carrão chique aqui, mas quero é um Fusca. Sucesso é isso. (Uol, 21/08/2021)

Passado todo esse tempo, em plenos anos 2020, Di Melo ainda lutava judicialmente pelos direitos autorais do disco de 1975, que ficaram por conta da editora Arlequim. Isso significa que ainda existe um processo contínuo de ressignificação com relação a esse disco, pois mesmo ele apresentando suas músicas em shows, não é de fato proprietário das canções, como ele mesmo fala em entrevista:

Eu estou preso à editora Arlequim. A advogada colocou no pau porque eles recebiam dinheiro e não repassavam, então de maneira que eu vou ficar, é... proprietário das histórias agora, né? Entendeu? Mas desde os anos 70 que a editora passa a mão na grana, eles não respeitam nada, nem ninguém, entendeu? Isso não foi só comigo, isso se deu com Chico Buarque de Holanda, com Gilberto Gil, Caetano Veloso, Capinã, Jorge Ben, um monte de gente que tava lá, Moacir Franco, Trio Mocotó, os caras não pagam a ninguém vivo, morto pior ainda. Fui achacado pelo pai, pelo filho... Já saiu inclusive, foi dado o alô de que eu havia ganhado, né, a causa, mas, até aqui, aqui é tudo muito lento né, é tudo muito demoroso (sic), vamos ver a que se chega. Estamos torcendo para de dê tudo certo, né? Que melhore o lado meu, que fiz o trabalho, que me dediquei a isso, é por aí. Fora esse disco de 75 tem outros discos em jogo, tem muita coisa, músicas gravadas por outras pessoas, que eu também não recebi, é por aí...

Então, já saiu a sentença, estamos aguardando, né, as coisas acontecerem, e pintou essa história de coronavírus que atrasou tudo, mas de qualquer maneira, assim que sair, né, que resolver-se a história, vai pra Warner, é por aí, tem outros trabalhos outras

músicas, mas tá tudo atrelado a essa editora aí, tamos aí, abraço. (FONTE PRÓPRIA)

Além do disco de 1975, Di Melo relata ter produzido outros 11 discos independentes no decorrer de sua vida. Embora muitas pessoas achem que o fato de ele ter ficado fora dos holofotes significou um afastamento total das artes, isso não se materializa nos relatos dele, pois ele permaneceu ativo em sua esfera de experiência artística, que é plural, desenvolvendo composições, gravações independentes, poesia, pequenos shows e na pintura dos quadrinhos, como ele mesmo denomina. Alguns dos discos gravados são: *Distando Estava* (Camerati, década de 1990); *Sons, Sacações, Sambas e Tesões* (independente); *Seleção de Sambas* (independente); *Multicheiro* (independente); *Ah! É de engravidar coração* (independente); *Imorrível* (Casona produções, 2016); *Atemporal* (Favorite Records, 2019) e *Estúdio show livre Vol. 1, 2 e 3*. Ele também publicou dois livros intitulados *A crônica da mulher instrumento* e *O Bicho Voador*.

Com o lançamento do disco *Atemporal* de 2019, com o grupo *Cotonete*, ele faria shows pela França, onde o disco foi gravado. No entanto, devido à pandemia do Covid-19 em 2020, a turnê precisou ser adiada. Em 2021, Di Melo retomou sua carreira pós-pandemia e tem feito shows *on-line* e presencialmente. Foi convidado para interpretar “Careca Velha”, no álbum “Onze”, com canções inéditas de Adoniran Barbosa. Em 13 de dezembro de 2021, um post (Figura 1) em suas redes sociais traz a informação de que a música *Kilariô* foi ouvida 2.466.961 vezes em 2021, através da plataforma de *streaming Spotify*.

Figura 1

Post no perfil de Di Melo, no Facebook, sobre o a música “Kilariô”, ouvida mais de dois milhões de vezes no Spotify.



Fonte: Facebook, perfil de Di Melo em 13/12/2021.

Para o público que redescobriu Di Melo depois da sua volta pós-documentário Di Melo, O Imorrível (2011), parece que o espaço-temporal entre 1975 e os dias atuais não se configura como fator impeditivo na fruição de suas músicas. Podemos afirmar que a imortalidade e atemporalidade de Di Melo está para além de como sua música é distribuída e disseminada, de como ela é vanguardista a ponto de transcender gerações e conquistar corações.

Em sua trajetória, percebemos que Di Melo, a partir das experiências de ruptura-e-transição, conseguiu expandir sua esfera de experiência artística – inicialmente compositor e músico alternativo que trabalha na noite, depois, concomitantemente, incorpora a arte plástica (pinta e vende “quadrinhos” para se sustentar), embora, hoje, dedique-se especificamente à música, escreve poemas e vive o auge da sua carreira como cantor e compositor, fazendo música como sempre concebeu, música alternativa, sem apelo comercial, fiel às suas raízes. Jô Abade, esposa, em entrevista ao site da Uol (2021), diz que o reconhecimento da carreira de mais de 50 anos do marido, só acontecerá quando a morte de fato chegar. "A gente não está querendo ficar milionário. Não é pelo dinheiro. É mais por darem valor ao potencial que ele tem."

Precisamos atentar ao valor artístico cultural e histórico que Di Melo representa para a Música Popular Brasileira, a exemplo de nomes legendários da *black music*, como Tim Maia e Cassiano, compositor de canções interpretadas por grandes nomes da música, como Wando e Jair Rodrigues. O fato de Di Melo resistir na música, tanto através do tempo, como na persistência em reconsiderar e ressignificar sua carreira artística, torna-o exímio a ponto de estar entre os grandes nomes da nossa música.

## **8. Considerações Finais**

Buscamos com esse estudo, analisar a trajetória artística do pernambucano Di Melo que embora seja comum entre os artistas marginais/independentes da década de 70/80, se torna excepcional por sua musicalidade emergir ao passar dos tempos. A partir de três processos de rupturas-e-transições, a saber: 1) abandonar a carreira musical comercial – rompendo com a gravadora e não procurando outra; 2) sofrer um grave acidente de moto, ficando fora do cenário musical por meses e dado como morto e 3) a convite, gravar um documentário sobre sua vida, fator que contribuiu para que ele retornasse aos grandes palcos e à mídia.

Com esse estudo foi possível constatar que Di Melo nunca se afastou da música. Ele

fazia shows em bares, cantinas e continuou compondo. Além disso, concluímos que houve uma expansão da sua esfera musical que nomeamos de esfera de experiência artística, uma vez que além de músico e compositor, ele passou a dedicar-se a poesia e as artes visuais (quadros).

Os conceitos de ruptura e transição nos ajudaram a organizar a trajetória de Di Melo em três momentos investigativos e as noções de construção de significado, redimensionamento da identidade, aquisição de habilidades e conhecimento, favoreceram uma análise que culminou na possibilidade de definir a expansão como fenômeno sociocultural que ocorreu na trajetória de vida do artista. Pontuamos que esse fenômeno pode e deve ser estudado de modo a oferecer outros olhares sobre a expansão da esfera de experiência artística de Di Melo.

No que concerne à minha experiência de realizar esse estudo (TCC), pontuo a importância da pesquisa para a formação de licenciando(a)s em música, de modo que ampliamos nossas habilidades construídas ao longo do curso e favorece a construção de novos conhecimentos que poderão impactar diretamente no fazer docente. Por outro lado, estudar a trajetória de vida do artista Di Melo, reforçou minhas convicções sobre ser fiel àquilo que acreditamos que podemos realizar musicalmente, sem necessariamente sucumbir aos padrões mercadológicos.

## Referências

ARAÚJO, Peú. **Entrevistamos Di Melo, Compositor de um dos Discos Mais Importantes da Música Negra Brasileira**. Site Vice. 20.12.14. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/rdp9ej/entrevista-di-melo-2014>. Acesso em. 22/01/2022.

AZEVEDO, Graciana Vieira de. **Construção de significados na transição escolar para o 6º ano do Ensino Fundamental**. Recife, 2017.

DANTO, Arthur (1964), "The Artworld", The Journal of Philosophy, 61, 19, pp. 571-584

DINIZ, Sheyla Castro. **Desbundados e marginais: MPB e contracultura nos "anos de chumbo" (1969-1974)**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2017

EM ENTREVISTA, **Di Melo conta a história por trás de seu desaparecimento**. NSC Total. 25/02/2014 - 15h30. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/em-entrevista-di-melo-counta-a-historia-por-tras-de-seu-desaparecimento>. Acesso em. 31/01/2022.

GALLETA, Thiago. Arte em Revista. **Independentes**. São Paulo: CEAC, ano 6, n. 8, 1984.

MOURA, Adailton. **'Negrão pra conseguir alguma coisa é f\*da', diz músico Roberto Di Melo**. Site da Uol. 21/08/2021. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/08/21/negrao-pra-conseguir-alguma-coisa-e-foda-diz-musico-roberto-di-melo.htm>. Acesso em. 11/01/2022.

MEDAGLIA, Júlio. **Música impopular**. São Paulo: Global, 1988.

MELO, Di. Lázaro Ramos e a sensibilização através da música. **Programa Espelho com Lázaro Ramos**. Canal Brasil. 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=w57YFWIQ1Po&t=577s&ab\\_channel=CanalBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=w57YFWIQ1Po&t=577s&ab_channel=CanalBrasil). Acesso em. 14/02/2022

OLIVEIRA, Alan e Rubens Pássaro. **Documentário Di Melo, O Imorrível**. 2011. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=SPedp3RSZ4U&ab\\_channel=DiMeloOImorr%C3%ADvel](https://www.youtube.com/watch?v=SPedp3RSZ4U&ab_channel=DiMeloOImorr%C3%ADvel). Acesso em. 14/02/2022

PRUDÊNCIO, Washington Luís Teodoro. **SÉRGIO SAMPAIO: ANTITROPICALISMO NA CANÇÃO DE UM TROPICALISTA CONVICTO**, Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2010.

RONDEL, L. D. S. Las Perspectivas Nomotética e Ideográfica em el trato a la realidad estudiada por las ciências sociales. **Orientación y Consulta**, v.9, n.0, 2003.

SALVATORE, S.; VALSINER, J. Between the general and the unique: Overcoming the nomothetic versus idiographic opposition. **Theory & Psychology**, v. 20, n. 6, p. 817-833, 2010.

VALÉRIO, T.A.M., Ferreira-Novaes, N.M. **Preserved Traces of Destroyed Sign Hierarchy: From Genetic Parenting to Adoptive Parenting**. M. M. C. D. P. Lyra, M. A. Pinheiro (eds.), **Cultural Psychology as Basic Science, SpringerBriefs in Psychology**, 2018. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-3-030-01467-4\\_9](https://doi.org/10.1007/978-3-030-01467-4_9) Acesso em. 15/12/2021.

VALSINER, J. (1998). **The Guided Mind**. USA: Harvard University Press.

VALSINER, J. (2008). Open intransitivity cycles in development and education: Pathways to synthesis. **European Journal of Psychology of Education**. Vol.XXIII, nº 2, 131-147. I.S.P.A.

VALSINER, J. **Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Trad. Ana Cecília S. Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ZAN, José Roberto. Jards Macalé: desafinando coros em tempos sombrios. **Revista USP**, dossiê música brasileira, São Paulo, n.º 87, set./out. 2010.

ZITTOUN. T. Dynamics of life-course transitions: a methodological reflection. **Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences**. Chapter 18. Springer US, 2009, 405-429.

ZITTOUN. T. Life-course: a social-cultural perspective. *In*: VALSINER, J. (Ed.). **The Oxford Handbook of Culture and Psychology**. New York: Oxford University Press, 2012.

ZITTOUN, T.; GILLESPIE, A. **Imagination in human and cultural development**. London: Routledge, 2016.

## Apêndice 1



Di Melo – Di Melo

Ficha Técnica

Selo: Odeon – SMOFB 3883

Formato: Vinil, LP, Álbum

País: Brasil

Lançado: 1975

Gênero: MPB, Tango, Funk, Soul

Capa: Carlos A. Duttweller

Heraldo do Monte - Viola e violão

Hermeto Pascoal - Flauta e teclados

Cláudio Beltrame – Contrabaixo

Ubirajara Chalar – Sintetizador

Dirceu - Bateria

Bolão – Sax



Produção executiva por Jô Abade e P3dr0 Diniz

Direção de criação por P3dr0 Diniz

Arranjos de Sopro por P3dr0 Diniz com colaboração de Diogo Nicoloff e Ricardo Fraga

Produção de Sound Design por Ricardo Fraga, Renato Corrêa e Arthur Soares Engenharia de Audio por Arthur Soares e Renato Corrêa - Gravado no Estúdio Casona, Recife/PE (Exceto Faixa 09)

Mixagem por Gustavo Lenza no Estúdio La Nave, São Paulo/SP (Exceto Faixa 09)

Masterização por Maurício Gargel no Estúdio Maurício Gargel Audio Mastering em São Paulo/SP

Música Canta Maltina (Faixa 09) gravada no estúdio Bigorna por Renato Corrêa e Mixado por Arthur Soares em Recife/PE

Música Disquerer (Faixa Bônus) gravado estúdio Sábina por Guilherme Destro em São Paulo/SP

Gravação part. B.Negão e Larissa Luz no estúdio Pancadão, Rio de Janeiro/RJ por Sérgio Santos.

Arte de Capa: Ganjja Pessoa - Direção de Arte e Cor: Rafael Cunha

Link para apreciação:

[https://www.youtube.com/watch?v=62zBaGC5asY&t=2s&ab\\_channel=DiMeloOficial](https://www.youtube.com/watch?v=62zBaGC5asY&t=2s&ab_channel=DiMeloOficial)

## **Apêndice 3**



### **Cotonete e Di Melo – Atemporal**

Ano: 2019

Disco gravado em São Paulo

Produzido pela banda Francesa COTONETE em Paris.

Obs: Não encontrei a ficha técnica do disco nas pesquisas realizadas.

Link para apreciação:

[https://www.youtube.com/watch?v=8KbvijxVRGw&t=378s&ab\\_channel=DiMeloOficial](https://www.youtube.com/watch?v=8KbvijxVRGw&t=378s&ab_channel=DiMeloOficial)